

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

MIQUEIAS UM PROFETA PRÓXIMO DO POVO

Capítulo I

OLIVEIRA DOS SANTOS Antônia Bianca

NASCIMENTO SILVA Iago

FERREIRA ALBUQUERQUE Jeferson

BATISTA DE OLIVEIRA João Vitor

DIAS DE SOUZA Johnatan

OLIVEIRA DA SILVA Lucas

SILVA Rafael Lucas da

LITERATURA PROFÉTICA

Prof. Dr. Shigeyuke Nakanose

São Paulo 2025

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

1.1 Miqueias: um profeta com o povo

O profeta Miquéias se apresenta, como um profeta de presença forte, incapaz de se calar diante dos sistemas opressores de seu tempo. Miqueias, termo hebraico, que o traduzimos por “quem é como Javé”, caracteriza-se uma pessoa que se envolve, de forma positiva, com as tonalidades contextuais que o cerca, sendo capaz de os expressar com força intervalada de anúncio e de denúncia. Por sua vez, um olhar atento sobre os escritos desse profeta nos revela um homem com um linguajar coloquial, de forma que este mesmo homem não podia ser um grande intelectual como eram alguns homens cultos da “cidade estados” daquele tempo. Dados os diversos termos empregados em seus escritos, a maioria pertencente ao mundo rural, pode-se deduzir que provavelmente ele era um camponês ancião erradicado ao exercício de liderança em um lugarejo bem pequeno. Com algumas semelhanças aos escritos de Amós, também habitante das montanhas de Judá, Miquéias traz em suas palavras a sabedoria popular com um sabor camponês, capaz de transmitir a seus ouvintes “a perspectiva de quem trabalha a terra para produzir vida” (ZABATIERO, 1996, p. 9).

No cap. 1,1 dos escritos desse profeta revela dados significativos acerca do tempo e da localidade em que ele viveu e exerceu a sua profecia, o que nos permite entender os conflitos decorrentes de seu contexto. Já de imediato, compreendemos que Miquéias é um profeta de Judá, ou seja, sua cidade Morasti, uma aldeia no interior de Judá, perto da cidade de Gat, cerca de 33 quilômetros do sudoeste de Jerusalém. Essa região era contemplada por ser uma grande região agrícola fértil e produtiva de Judá. Nessas terras, havia numerosa criação de ovelhas, cultivavam-se vastos de trigo e cevada, o que atraía a ambição de grandes latifundiários no âmbito nacional e internacional, como as grandes potências imperiais. Além disso, a cidade de Morasti estava cercada pelas cidades fortificadas, Gat, Soco, Laquis, Maresa e Odalam, situadas em alguns quilômetros na fronteira de Judá com a Filistéia (cf. Mq 1, 10-15). Visando proteger a capital contra invasões estrangeiras, essas cidades possuíam a presença constante de militares e de funcionários da corte de Jerusalém, “os quais cometiam crimes de abuso de poder para cobrar impostos, recrutar camponeses e extrair seus produtos agrícolas” (NAKANOSE, 2023, p. 06).

O profeta Miqueias foi formando em uma aldeia, onde; a violência, espoliação, corrupção, empobrecimento e desapropriação as terras dos camponeses. Em meio as guerras e devastação. O profeta ergui a sua voz e aponta o principal gerador desses males: “Prestem atenção, governantes de Israel [...], vós que edificais Sião com o sangue e Jerusalém com perversidade”. (Mq 3, 9b-10). Ambição e ganância, leva o profeta erguer a voz contra a injustiça sofrida pelo o povo de Javé.

1.2 O tempo de Miquéias: dos conflitos às injustiças com o povo

No primeiro cap.1,1 do livro de Miquéias, o profeta atuou durante o período do reinado de Joatão (740-735 a.C.), de Acaz (735-716 a.C.) e de Ezequias (716-687 a.C.) reis de Judá. Nessa mesma época a Assíria estendia seu domínio até a Torrente do Egito sob o poder sucessivo de Teglath-Falasar III, Salmanasar V, Sargom II e Senaquerib. Porém, os dados contidos no livro sobre a queda de Samaria (Mq 1,2-7) em 722 a.C. e a invasão de Judá pela Assíria (Mq 1,8-16) no ano de 701 a.C. remontam que o profeta em questão exerceu suas atividades possivelmente no período de 725 a 701 a.C. (cf. Jr 26,18). Durante esses anos que a Assíria buscou se expandir englobando as pequenas nações, dentre elas a Síria e a Palestina, Judá enfrentou uma série de tensões políticas, seja no âmbito nacional e internacional, o que desestruturou suas relações de poder. Em decorrência disso, as condições de vida, sobretudo dos camponeses das pequenas cidades, tornaram-se precárias, que resultou, em um sistema amplo de misérias. Durante alguns anos antes, isto é, na primeira metade do século VIII a.C., Judá e Israel experimentaram, graças ao controle das rotas de comércio internacional, um crescimento econômico e político bastante significativo. Esse desenvolvimento atraiu a atenção estrangeiras, sobretudo da Assíria. Por volta de 735 a.C., temendo o avanço da Assíria, Israel fez aliança com a Síria e, em unidade com filisteias e arameias, buscaram dialogar com Judá a fim de obter seu apoio. Acaz, rei de Judá, negou fazer parcerias com estes reinos e, conseqüentemente, sofreu uma série de represarias até culminar na guerra siro-efraimita em 734 a.C. (cf. 2Rs 16,5-16; Is 7,1-9; 8, 1-10). Os confrontos provocaram a devastação da região de Shefelá, o que trouxeram drásticas perdas para as famílias camponesas. Diante da intensificação dos conflitos, o rei de Judá recorreu à proteção da Assíria, a qual o ajudou em troca de sua submissão ao Império. A partir desse momento, Judá se tornou vassalo do Império Assírio, sendo obrigado a pagar a pagar-lhe altos tributos (cf. 2Rs 16,1-18), significando mais cobranças e extorsões aos camponeses.

Em 727 a.C., após a morte de Teglath-Falasar III, seu filho, Salamanasar V (727-722 a.C.) assumiu o trono da Assíria. Ao perceber uma certa instabilidade no poder Assírio em decorrência da sucessão, Israel Norte aproveitou para se revoltar em busca da independência, mas terminou com sua capital, que se chamava Samaria. Invadida por Salmasar V em 724 a.C. Em 722 a.C., ao ascender ao trono do Império Assírio, Sargon II tomou de vez a cidade e deportou sua população de aproximadamente 27 mil pessoas para a Mesopotâmia. Foi o fim do Israel Norte. Com a queda da Samaria, um novo período começa em Judá: a população de Jerusalém aumentou de mil para 15 mil habitantes, O que provocou o surgimento de novos assentamentos; Judá passou de 35 para 120. Em Shefelá, houve crescimento estimado de 20 para 275. E a disputa pela terra, podemos conferir em Mq 2,1-2. Em um curto período, Judá progrediu e alcançou status de referência no mercado internacional ao que se refere à exportação de azeite, de vinho e de cerâmica. Contudo, esse progresso econômico favoreceu somente os ricos, ao passo que os camponeses eram cada vez mais massacrados pelos impostos. Também se utilizam da religião para isso.

Com isso, para aumento e o controle, o rei Ezequias faz a “reforma religiosa” (2Rs 18,1-8), promovendo uma centralização: onde, por exemplo, os cultos, sacrifícios e festas fosse somente no Templo em Jerusalém, em nome de Javé, Deus oficial do Estado (Dt 12). Com isso, houve o enfraquecimento dos santuários do interior, centros religiosos e econômicos dos camponeses. Como resultado, mais produtos, comércio, tributos para os ricos e poderosos de Jerusalém e ao mesmo tempo, mais corrupção, roubo e violência contra o povo do campo. (Mq 3,11).

Por volta do ano de 705 a.C., com a morte de Sargon II, Senaquerib ascendeu ao poder. O rei Ezequias, ao perceber uma fragilidade do Império Assírio nesse processo de transição, aproveitou da oportunidade para promover uma guerra contra as cidades filisteias até Gaza, o que o possibilitou recuperar um território perdido para a Assíria nos anos anteriores (cf. 2Rs 18,8). Posteriormente, com o apoio do Egito, ele liderou um novo movimento antiassírio contra as cidades filisteias. Em 701 a.C. Senaquerib deu o grande golpe final. Ao perceber os movimentos de rebeldia de Judá, a Assíria dispôs de todo o seu potencial, “rechaçou o Egito, invadiu Judá, conquistou 46 cidades fortificadas, cercou Jerusalém e exigiu a rendição de Judá (2Rs 18, 13-16)” (NAKANOSE, 2023, p.09). Diante de todas essas guerras a exploração, seja no âmbito nacional ou internacional, o povo de Judá enfrentou duros desafios decorrentes da espoliação violenta praticada por

militares e oficiais da corte real. Diversos camponeses judaítas tiveram suas terras tomadas em decorrência de processos injustos fomentados pela corrupção de suas lideranças, sejam elas políticas, jurídicas e religiosas. Inserido nesse contexto, no qual os males sociais atingiam diretamente a dignidade da família, o profeta Miqueias foi uma liderança que buscou denunciar as veredas do mal e anunciar vida em terras de injustiças.

1.3 Mensagem de Miqueias: a estrutura e redação

Miqueias, um profeta do século VIII a.C. originário da região rural de Judá, emerge como uma voz poderosa em meio a um povo marcado pela exploração e injustiça social. Seu ministério profético se desenvolve em um período turbulento, permeado pela ascensão do Império Assírio e suas ameaças constantes aos reinos de Israel e Judá. Miqueias, sensível ao sofrimento dos camponeses e dos mais vulneráveis, não hesita em expressar sua profunda dor e indignação diante do cenário de opressão que presencia.

Com veemência, o profeta denuncia a elite agrária que, movida pela ganância e pelo poder, se apropria das terras dos pobres, forçando-os à miséria e à perda de seus meios de subsistência (Mq 2,1-11). Essa exploração agrária não apenas desestabiliza a economia rural, mas também dismantela as estruturas sociais e familiares, lançando muitos à marginalização.

A crítica de Miqueias se estende à esfera da liderança política e religiosa. Ele ataca frontalmente a corrupção e a violência que emanam dos juízes, sacerdotes e profetas oficiais, que, em vez de defenderem a justiça e a retidão, se mostram ambiciosos, buscando seus próprios interesses em detrimento do bem-estar do povo (Mq 3,1-11). A imparcialidade judicial é comprometida pela aceitação de subornos, o ensino religioso se torna mercenário e as profecias são proferidas em troca de vantagens financeiras, desvirtuando completamente seus propósitos originais.

Diante dessa realidade sombria, Miqueias anuncia um julgamento divino iminente. A cidade de Jerusalém, outrora símbolo da presença de Deus e da esperança do povo, será transformada em um monte de ruínas como consequência da injustiça e da corrupção generalizadas (Mq 3,12). Essa profecia de destruição serve como um alerta severo, convocando o povo ao arrependimento e à restauração da justiça e da retidão como fundamentos da vida em comunidade e da relação com Deus. A mensagem de Miqueias ressoa como um chamado à transformação social e espiritual, clamando por uma sociedade onde a justiça prevaleça sobre a opressão e a integridade substitua a corrupção.

1.4 Redação

O livro de Miqueias, em sua forma atual, nos apresenta, já nos seus capítulos iniciais (1 a 3), a vigorosa pregação de um profeta originário da pequena cidade judaíta de Morasti-Gat, localizada na região da Sefelá. Sua atuação profética floresceu no século VIII a.C., marcando especialmente o reinado de Ezequias (727-698 a.C.), conforme atesta a referência em Jr 26,18, que demonstra a perdurabilidade da sua mensagem na memória do povo. A força pungente de sua crítica social e religiosa ecoou não apenas no interior do reino de Judá, expondo as mazelas das comunidades rurais, mas também reverberou intensamente na capital, Jerusalém, confrontando as elites e as instituições estabelecidas. Sua voz profética manteve sua relevância e impacto até os últimos anos do reino de Judá, precedendo o catastrófico exílio babilônico, ecoando as palavras de outros profetas que também alertaram contra a injustiça nos centros de poder, como Amós em sua denúncia contra Samaria ("Ouvi isto, vós que esmagais os necessitados e destruíis os pobres da terra..." - Am 8,4).

Assim como ocorreu com outros legados proféticos do Antigo Testamento, a pregação oral de Miqueias não se perdeu no tempo. Seus ensinamentos e oráculos foram cuidadosamente preservados e, posteriormente, registrados por seus discípulos e seguidores, que reconheceram a importância e a atualidade de sua mensagem. Esse processo de fixação escrita, similar à preservação das palavras de outros profetas como Isaías ("Agora, pois, ide, escrevei isso numa tábua perante eles e notai-o num livro, para que fique para os tempos vindouros, para sempre" – Is 30,8), permitiu que a voz de Miqueias transcendesse sua época original, alcançando gerações futuras.

No entanto, a trajetória do livro de Miqueias não se encerrou com a compilação inicial de seus discípulos. Em um período posterior, marcado pela profunda crise do exílio na Babilônia (século VI a.C.) e pelo subsequente esforço de restauração da comunidade judaíta em sua terra (século V a.C.), outros autores e líderes religiosos se debruçaram sobre os escritos de Miqueias. Eles releam e reinterpretaram suas palavras à luz das novas realidades e desafios enfrentados pelo povo. Essa releitura e atualização incorporaram as preocupações teológicas e sociais do tempo do exílio, como a reflexão sobre as causas da destruição, a busca por consolo e esperança em meio ao sofrimento, e a visão de um futuro de redenção e reconstrução. Da mesma forma, as questões pertinentes ao período da restauração, como a reorganização da sociedade, a reafirmação da identidade religiosa e a esperança messiânica, também influenciaram a forma final do livro que conhecemos

hoje. Portanto, o atual livro de Miqueias é o resultado de um processo dinâmico de transmissão, preservação e atualização da mensagem de um profeta corajoso que denunciou as injustiças de seu tempo e cuja voz continuou a inspirar e desafiar as gerações vindouras.

1.5 Estrutura

1,1: Título;

1,2-16: Julgamento de Samaria e Jerusalém;

1,2-7: A teofania de julgamento;

1,8-16: Lamentação

2,1-13: Julgamento;

2,1-5: Dos exploradores;

2,6-7: Reação dos exploradores;

2,8-11: Resposta do profeta;

2,12-13: Promessa de restauração

3,1-12: Julgamento da elite de Jerusalém;

3,1-4: Dos chefes e governantes;

3,5-8: Dos profetas mercenários;

3,9-12: Denúncia e sentença;

4,1-5,14: A promessa de um futuro glorioso para Sião, Jerusalém;

6,1-7,7: Os oráculos de novo julgamento contra Israel, proclamados originalmente pelos profetas de Israel Norte e reservados e atualizados no período exílico e pós-exílico;

7,8-20: A nova promessa de uma Jerusalém restaurada.

O livro de Miqueias, cuja mensagem original de denúncia contra a injustiça social e a corrupção no século VIII a.C. (Mq 2,1-11; 3,1-11) foi preservada e posteriormente organizada e atualizada, possivelmente pelo grupo deuteronomista. A teologia central desse grupo, focada na Aliança entre Javé e Israel, interpreta a história do povo à luz da obediência ou desobediência aos mandamentos divinos. Nesse contexto, as profecias de julgamento de Miqueias contra Jerusalém (Mq 3,12) são entendidas como consequências

da quebra dessa Aliança, enquanto a mensagem subjacente clama por arrependimento e retorno aos termos da Aliança para a restauração.

Com seus conceitos teológicos, o deuteronomista redige o livro de Miqueias nos anos do exílio e nos primeiros anos da restauração, quando as derrotas e as destruições se acumulam e coloca em questão a Aliança de Javé com o povo santo e a cidade santa. Contudo, o redator tem a convicção de que as catástrofes que recaem sobre o povo podem ser explicadas como castigos, e não como a derrota de Javé para os deuses da Babilônia. E os castigos de Javé são aplicados como respostas aos crimes cometidos pelos governantes de Judá, com a política militarista e expansionista que centraliza o poder e as riquezas (cf. Jr 26;28). São os mesmos crimes ilustrados e exemplificados, também, pela infidelidade de governantes de Israel Norte como Amri e Acab (Mq 6,16).